

FILHO DE UMA MÃE

A SOLIDÃO E
A PERDA NO
SÉCULO XXI

ADALBERTO FARIA

PREFÁCIO

Nuno Bettencourt Mendes

NÃO-FICÇÃO · ENSAIO

Agradecimentos

Ao Nuno Bettencourt, pela sua classe e generosidade humanas. Uma gratidão sem fim pelo seu envolvimento e trabalho de valor incalculável na colaboração preciosa para este livro. Sem a participação do Nuno, esta obra jamais seria aquilo em que se viria a transformar: um momento delicioso, espiritual e temporal. Agradeço sobretudo a sua amizade amena.

Relevo também o tempo passado em conjunto, ora divertido, ora dramático, pelo convívio nas diversas revisões, correções e alterações. Ficarão na minha mente como um momento de usufruto fraterno, de aprendizagem mútua e, sobretudo, de cumplicidade muito humana e saudável.

Um bem-haja por tudo o que aprendi consigo e por me ter deixado sentir tão humano em poder partilhar sentimentos, sonhos e tristezas. O livro também é, em parte, muito disso.

Ao Álvaro Costa, pela sua paciência messiânica e por estar presente nos bons e maus momentos há mais de 30 anos. Sem ele, a minha vida teria sido mais árida, e obrigado por, mesmo à distância, me ter secado lágrimas e ter motivado académica e culturalmente o meu caminho. Sem ele, não teria havido certamente um doutoramento. Agradeço a sua colaboração neste livro, sempre com o seu olho perfeccionista e clínico impecáveis, e por ser um farol na minha vida. Não poderia deixar de referir o seu sentido de humor, soberbo, superior, que têm servido como uma onda de moralidade sã na minha vida conturbada.

À Maria Colaço, pelas suas aguarelas, um obrigado pela sua generosidade espontânea.

Ao Filipe, por ser a luz na escuridão da minha vida. Sem ele, não sei o que seria hoje, mas certamente andaria ainda perdido nas vielas escuras do meu caminho selvagem.

À minha mãe, que, sendo a última a referir, é, no entanto, a primeira de tudo por estar sempre no meu coração.

17 de Outubro de 2024

À Helena, mãe; ao pai, Veridiano.
À bisavó, Ermelinda; ao avô, Misael; à Titi Zélia.

Índice

AGRADECIMENTOS	7
PREFÁCIO	13

PRIMEIRA PARTE

INTRODUÇÃO	23
PRÓLOGO	32

Capítulo I – Sol de Inverno	37
Capítulo II – Filho da Mãe	40
Capítulo III – A Queda	46
Capítulo IV – Saudade	51
Capítulo V – Miragem	58
Capítulo VI – Vazio Colorido	65
Capítulo VII – Equívoco	68
Capítulo VIII – Tremor	72
Capítulo IX – Morte	80
Capítulo X – Beco	87
Capítulo XI – Evasão	93
Capítulo XII – Golpe	99
Capítulo XIII – Panorâmico	106
Capítulo XIV – Sem horizonte	110
Capítulo XV – Quimeras	121
Capítulo XVI – Vencido	137
Capítulo XVII – O Bisneto da Ermelinda	154
Capítulo XVIII – Manso Destino	164

EPÍLOGO	171
-------------------	-----

SEGUNDA PARTE

ENQUADRAMENTO	183
-------------------------	-----

ENTREVISTAS

Marisa Ferreira Hoberg	185
----------------------------------	-----

Alex Cortez	191
Rosário Saraiva	204
Luís Carlos Paulino	212
Dália Andrade	222
D. Januário Torgal	230
Maria Dulce Trigueira	248

DEPOIMENTOS

Galcéran Stéphane	259
Beatriz Pacheco Pereira	261
Álvaro Costa	263
Nuno Bettencourt Mendes	266
Mário Avelar	270
Bernardino Soares	272
Elsa Pacheco	273
Joaquim Vieira	274
António Travassos	277
Luís Corpas Barca	279
João Teixeira Lopes	281
Mario Dorminsky	283
José Augusto Correia de Oliveira	286
Filipe Silva Lopes	290
Maria Sofia Yañes Castro Nunes	291
Albertino Gonçalves	292
Karim Sarr	293
Alice Caetano	305
Bárbara Reis	307
António Barreto	309
Edgar Bentes	311
Ricardo Santos	313

ANEXOS

Original em francês de depoimento de Glacéran Stéphane	317
Original em espanhol de depoimento de Luís Corpas Barca	319
Original em francês de depoimento de Karim Sarr	321

Prefácio

A vida é um constante devir, uma sucessão ininterrupta de momentos, de casos e acasos que escorrem numa ampulheta como grãos de areia de densidade variável. Numa dança incessante entre o presente e o passado, Adalberto Faria mostra como se viu confrontado com o vazio silencioso que a solidão, a saudade e a perda implacavelmente depositaram em si em vários momentos. Contudo, este livro, fruto de longas meditações (umas mais contínuas, outras mais intermitentes), não é apenas um relato de eventos vividos, é também um mergulho profundo nas emoções que marcaram e moldaram a sua existência, num carrocél quase imparável, de velocidade não tão constante quanto de acelerações e desacelerações das mais variadas, e que o ritmo das suas descrições e/ou os contrapontos da sua articulação narrativa em cada capítulo deixam transparecer.

Emocional ou socialmente, para o autor, a solidão foi muito mais do que um estado ocasional; foi um subproduto que se gerou e fixou na sua vivência e sobrevivência. Mas, apesar de entranhada em várias etapas da sua vida, por mais que a solidão tenha sido parte de si, Adalberto conta-nos também muito acerca de como procurou contrariá-la. E fá-lo quer com matizes várias de textualidade e subtextualidade intensamente cativantes, quer através de níveis de explicitação, alusão ou simbolismo hábil e sagazmente seleccionados, numa prosa que é maravilhosamente poética. Visto deste prisma, este livro não é apenas um testemunho da perda, da dor e da saudade, mas também da sua busca incessante pelo amor romântico, pelo amor fraternal e pelo amor próprio, pelos prazeres do espírito e do corpo, pela felicidade, mesmo sabendo que a solidão nunca o abandonaria, e nunca o abandonará por completo, ao sugerir, por exemplo, que a solidão mais generosa, enquanto sensação evolutiva ao longo dos anos, pode levar a uma compreensão mais profunda do próprio ser.

1.^a parte

Introdução

I know it's over
You know it's over
We're just going through the motions
But we are sailing separate oceans, worlds apart
And you know it's breaking my heart
I was a dreamer
You were a dreamer
But perfection is consuming
And it seems we are only human after all
And we've both been taking the fall
But tomorrow
We'll run a little bit faster
Tomorrow
We are going to find what we are after at last
Feelings that we left in the past
There's romance in the sunset
We're boats against the current to the end
Maybe we are older
Maybe we are colder
So we disregard solutions
While we cling to our illusions once again
And we keep remembering when
Seasons are changing
Reasons are changing
But the story isn't ending
So we find ourselves pretending one more day
While the years keep slipping away
But tomorrow
We'll run a little bit faster

Tomorrow
We are going to find what we're after at last
Feelings that we left in the past
There's romance in the sunset
We are boats against the current to the end

Eric Carmen, «*Boats Against the Current*», 1977

Foz do Arelho, Hotel Inatel
21 de Março de 2022

Lá fora o céu está encoberto. Estou no pavilhão mais alto do hotel, em frente à foz da lagoa, mandado construir por Salazar para os funcionários públicos. As suas águas encontram-se com o mar, docemente, namorando-o. A resposta dele é pronta: desfaz-se em sorrisos de espuma branca quando finalmente se encontram na magnífica foz aveludada. É o segundo dia de Primavera, mas é mais Inverno do que em Janeiro.

No quarto do hotel, ouço música, as baladas suaves de desamor de George Michael, e por isso compreendo as suas crises existenciais. Alterno essas canções com outras, também *soft*, e música da colectânea *Café del Mar*, de algum *jazz*... Relaxa-me muito ouvir *easy-pop*, ou *funky-jazz*.

A natureza está aborrecida, diria até que enraivecida, com o ser humano. Devemos-lhe tanto, mas ocupamos praticamente o tempo agoniados com os enganos contínuos da nossa existência e sobre o que deveríamos ser ou fazer. Contudo, mais de metade dos habitantes do planeta não respeita o motivo pelo qual está cá. E eu? Também já não sei mais... Estou perdido dentro de mim próprio; sinto uma interminável saudade de mim mesmo – uma saudade amarga, algo desesperada, sem solução – e adio o presente, facto clandestino ao meu ser. A vida é, mais vezes do que gostaríamos, um adiar contínuo de um descanso final. Chego até a um ponto de temer que a alma não me dê descanso nem sequer depois da morte. A ansiedade ganha-me na corrida da vida!

Neste momento, o mundo está suspenso. Quando comecei este livro, em Outubro de 2021, a ómicron nem sequer era uma ameaça séria. Presentemente, em Março de 2022, tudo se transformou, e há mesmo a hipótese de o azul forte dos céus se transformar repentinamente no nuclear «From Russia with Love». A realidade corre veloz, tudo se transforma em poucos dias ou meses; e, desta forma, o meu livro corre o risco de a ameaça atómica o invalidar. Um pedaço de poesia queimada pela bomba...

Ah, aquela paisagem ali ao longe, clara, sobre a qual poiso a minha alma cansada de tanta escuridão. Receio que ela agora possa ficar pulverizada pela bomba fraudulenta. Pode acontecer que nem possa colocar a vírgula ou o ponto final neste livro. Ainda assim, levá-lo-ia no coração, vazado a pó pela memória terna da mãe. Se houver essa aniquilação global, nuclear, talvez a reencontre. A ela e a muitos outros saudosos, numa esfera magnética e estranha, bela e sofisticada, a de um outro mundo não material.

Não podia deixar de referir, na introdução do livro, que mais uma tragédia algo surrealista se tenha abatido sobre a minha vida: em Abril de 2020, meses após a morte da minha mãe, e do sofrimento pelo qual ela passou, fiquei doente – física, emocional e psiquicamente. Aliás, duas semanas antes da sua morte, já eu piorara e a depressão cumpria-se. Tinha atravessado a sua decadência física e mental durante bastante tempo. Depois da sua morte, encontrei uma solidão do tamanho da pandemia, que me atirou para um silêncio forçado, numa prisão avassaladora.

Uma outra praga da pós-modernidade aterrara. Quando pensava que chegara o tempo de aliviar a pressão na minha alma, e tentando dar um sentido ao meu desnorte, eis que surge uma guerra à nossa porta. Recompôr-me passou a ser menos prioritário, o que não diminuiu a carga de dor que transportava há dois anos. Senti-me miserável pela situação agorafóbica face a uma tempestade perfeita: a morte dela, a pandemia e uma guerra na Europa. Mesmo assim, as minhas lembranças e saudade seguiam hirtas, bem como o cordão umbilical. Não queria ficar a sós com as vítimas que me entravam diariamente pela televisão – vidas destruídas, uma dor medonha, sem nome. Neste

momento, essa realidade faz-me sentir irremediavelmente redundante perante a dimensão dessa outra solidão proveniente do desastre global.

Sinceramente, se há quatro anos alguém me tivesse dito que eu teria de atravessar este deserto (e ainda vou a meio dele), teria adiado a minha vida, teria saltado para outra dimensão, e dormiria anos a fio, numa versão masculina e pós-moderna da *Bela Adormecida*. Teimaria em não acordar até este pesadelo ter terminado. Tudo se passou em menos de quatro anos, tempo que eu não previra. Sempre adiei na minha vida qualquer odor a dor, ou a um enfrentamento com a realidade. Viver da nostalgia passada, sonhar o futuro e evitar sempre pisar o presente com estes pés de eterna criança.

Quanto à presente guerra na Europa, não há palavras nem comentários que a justifiquem. Não vou tecer esguios comentários políticos nem vou apontar o dedo. Isso já está tudo bem escrutinado pelos *very specialists* do regime, os do costume. Só lamento ter tido razão quando precisamente não a queria ter. Uma constatação que eu acabara de pressentir, logo meses após a primeira «abertura» da vida suspensa pela covid.

Nem com os terríveis momentos passados nós aprendemos. Encerrados, vendo os nossos idosos partirem, sem poder olhá-los somente mais uma vez. Foram envoltos unicamente num lençol, sem despedidas, mortos de solidão, assassinados pela falta de oxigénio, afogados dentro deles próprios, num hospital, com médicos trajados de monstruosos fatos espaciais, sem rosto ou toque humano. Que tragédia gongórica...! As vítimas foram indiferenciadamente uma mãe, um pai, um avô, uma avó, histórias de vidas, e tudo isto se passou diante dos nossos olhos durante dois anos. A humanidade que somos assistiu diariamente ao horror sem podermos fazer muito. Estivemos recolhidos e prisioneiros de nós mesmos. Infelizmente, parece que não conseguimos meditar, nem repensar, nem reconstruir, nem sequer remendar as nossas vidas, ainda que houvesse tempo e silêncio suficientes, e sem precedentes, para o fazer.

Assim que o vírus nos deu outra vez a hipótese de sermos simplesmente «nós», voltámos não só às atitudes de então, de consumidores desesperados, como ainda regressámos piores do que já éramos,

e envoltos numa guerra europeia, cujo risco pode vir a ser global... Assim nos encontramos. Como cidadão, pouco posso fazer... Sigo angustiado com a perda e a crise existencial, a saudade, e toco nesses assuntos com fragilidade, como um menino na escola que faz desenhos sobre o sol e as nuvens.

O meu contributo não pode ser outro, apesar desses corpos despedaçados na televisão, das vidas perdidas, das cidades em chamas, de todo um país dizimado no ecrã. Posso pedir aos anjos que nos livrem dos *cowboys* maus que enegreceram o Éden e que teimam, de novo, em queimar Adão e Eva... Não posso evitar que o façam! Tenho de pôr tudo em questão. Espero que, diante desta natureza única, na sua imensidão, se acalme a minha ferida, ali, naquelas águas aveludadas da lagoa. Temo que a bomba aterre e destrua o espírito florido, o respirar do momento, a nossa eternidade. E que não afecte a criatividade do meu livro porque ele é honesto e íntimo.

Eis-me aqui, sentado, ouvindo música, confortavelmente quente, até perder de vista o horizonte no oceano, estou bem nutrido, desfrutando o mais possível dos prazeres que a vida me oferece. Recupero por algum tempo a alma, alívio o corpo das dores, mas ali ao fundo... em linha recta, no leste do meu continente, a poesia está assente na poeira das casas destruídas, nos corpos gelados sob bombas e mísseis, sem esperança nem céu azul, sem comida e sem sonhos. É injusto estar aqui, sereno, neste mar de prata, com a lagoa que pacificamente o namora, enquanto o Leste se veste de sangue...¹

Que hei-de fazer, o que acrescentar? Dizer que já não consigo sentir profundamente a dor deles seria mentira! Sinto, e muito! Por acaso, ou não, o Destino e a senha que me calhou em sorte na fila do Universo decidiram que não me cabia sofrer da mesma forma que aquele povo. Dizer que isso me alivia a dor existencial e alivia a alma, não! Suporto a minha própria angústia, intensificada pelo cenário devastador da guerra russo-ucraniana. O meu cérebro está embutido,

¹ Posteriormente à data em que concluí esta introdução, 21 de Março de 2022, surgiu ainda uma outra guerra, desta vez entre Israel e o Hamas, em Gaza.